

Entrevista

Gilberto Vieira Presidente da Casas Açorianas - Associação de Turismo em Espaço Rural defende a adoção de um “plano rigoroso” a 3 ou 5 anos que defina, entre outros aspetos, “os mercados a ‘atacar’, ou as regiões ou cidades no caso de países de grande dimensão como por exemplo os EUA”. Mercado nacional deverá também fazer parte da lista prioritária

Associação de Turismo em Espaço Rural acredita num ano de 2023 tão bom como 2022

PAULO SIMÕES
psimoes@acorianooriental.pt

Celebrou-se recentemente o Dia Mundial do Turismo num ano de forte crescimento do setor no país e nos Açores em particular. Pode afirmar-se que os Açores estão na moda?

Não diria que os Açores estão na moda, e penso mesmo que esse não deve ser o objetivo. Estar na moda, literalmente, representa uma situação efémera, uma situação que na opinião pública, e portanto na escolha dos consumidores, pode terminar num ano ou dois, porque o que é moda hoje pode não ser amanhã.

Na minha opinião, o que os Açores precisam, em termos turísticos, é de crescer de forma sustentada, que os turistas venham porque reconhecem que somos um destino de excelência, genuíno, sustentável, amigo do ambiente, um destino onde os turistas são recebidos com simpatia e afabilidade, e onde os serviços que adquiriram são prestados com profissionalismo e qualidade.

Estes princípios são seguidos há muito pelos membros da Casas Açorianas - Associação de Turismo em Espaço Rural. O facto de as nossas ‘Casas’ serem pequenas unidades de alojamento, permite que tratemos os turistas que nos procuram de forma personalizada e até chegarmos ao ponto de fazer amizade com alguns.

O crescimento turístico tem sido assimétrico no arquipélago ou tem sido proporcional à realidade de cada ilha?

O crescimento turístico nos Açores tem acontecido, a meu ver, de forma assimétrica, mas no entanto isso tem a sua justificação. Primeiro, porque para os turistas chegarem à nossa região têm de fazê-lo por avião e sabemos que as companhias aéreas procuram voar para onde há mais procura ponto a ponto, e isso acontece com a ilha de São Miguel e com a ilha Terceira. Em segundo lugar, por-

Não diria que os Açores estão na moda, e penso mesmo que esse não deve ser o objetivo. Estar na moda, literalmente, representa uma situação efémera

O crescimento turístico nos Açores tem acontecido, a meu ver, de forma assimétrica, mas no entanto isso tem a sua justificação

que é nestas duas ilhas que existe maior concentração de camas turísticas. Com estas duas realidades, à promoção do destino Açores como um todo, junta-se a promoção das companhias aéreas que querem vender os lugares de avião e das unidades de alojamento, em especial dos hotéis que têm muitos quartos para ocupar e, claro, que tanto companhias aéreas como os hotéis promovem as ilhas onde assenta a sua oferta.

No entanto, acrescentava que, com o esforço dos empresários e das entidades regionais e locais, já temos várias ilhas que têm ganho notoriedade e crescido na procura do turista, quer do Continente quer do estrangeiro.

Que impacto teve a tarifa aérea interilhas de 60 euros para residentes no turismo interno?

A “Tarifa Açores” foi uma medida que o Governo Regional tomou ainda durante uma fase difícil para o turismo açoriano devido à pandemia e que foi muito positiva para o turismo. Nas Casas Açorianas sentimos um aumento da procura por parte dos turistas açorianos, em especial em ilhas como o Pico, Faial ou São Jorge, mas posso afirmar que atingiu todas as ilhas do arquipélago. Trata-se de uma oportunidade para muitos dos nossos conterrâneos poderem viajar e conhecer outras ilhas onde nunca tinham estado.

Este ano, o programa “Tarifa Açores”

Gilberto Vieira: “Teremos de aproveitar a realização do Congresso da APAVT que trará à nossa região, concretamente a Ponta Delgada, em dezembro, centenas de agentes de viagens, para fazer um compromisso com todos e com cada um deles para serem a nossa ‘voz’ na promoção turística dos Açores, de norte a sul do país”.

já sofreu algumas restrições por parte do governo, mas, ainda assim, funciona como aliciente para que o turismo interilhas continue a funcionar. Esperamos que as entidades regionais façam, como nós, uma avaliação positiva deste programa e que venham a manter este apoio para o próximo ano, acautelando as verbas no Orçamento Regional, que este ano tiveram um teto de seis milhões de euros.

Faz sentido retomar as ligações marítimas de passageiros e viaturas interilhas? Que modelo considera ser o mais adequado?

As ligações marítimas interilhas são um assunto de décadas. As Casas Açorianas defendem que, por sermos um território descontínuado, faz sentido utilizar todos os meios que possibilitem a mobilidade dos cidadãos.

Para que o transporte marítimo entre as ilhas faça sentido para o turismo, é necessário que as rotas, épocas do ano e horários sejam definidos com antecedência. O ideal mesmo seria que fossem definidos de um ano para o outro, para



DIREITOS RESERVADOS

Em relação ao mercado norte-americano, temos uma vantagem que nos é dada pelo câmbio, dado que o Dólar está em alta face ao Euro, o que torna os Açores um destino mais barato para onde viajarem. Temos de dar enfoque a esta situação nas ações de promoção que venhamos a fazer junto desse mercado

(...) Análise que nos leva a acreditar que o ano de 2023, caso não falhemos no trabalho que temos de fazer, porque nada acontece sem trabalho e algum investimento, poderá vir a estar, pelo menos em linha com este ano que se aproxima do fim

zão”, ou seja, são fatores negativos que podem levar a uma retração nas viagens.

Mas nós gostamos de olhar para o “copo meio cheio”, e temos boas razões para isso, deixo-lhe alguns exemplos: sendo o mercado nacional o nosso principal mercado, teremos de aproveitar a realização do Congresso da APAVT que trará à nossa região, concretamente a Ponta Delgada, em dezembro, centenas de agentes de viagens, para fazer um compromisso com todos e com cada um deles para serem a nossa “voz” na promoção turística dos Açores, de norte a sul do país.

Em relação ao mercado norte-americano, temos uma vantagem que nos é dada pelo câmbio, dado que o Dólar está em alta face ao Euro, o que torna os Açores um destino mais barato para onde viajarem. Temos de dar enfoque a esta situação nas ações de promoção que venhamos a fazer junto desse mercado.

Em terceiro lugar, em relação aos destinos europeus que nos procuram, temos de enfatizar três vantagens competitivas: primeiro, a de sermos um destino que assenta a sua oferta nas vertentes da preservação ambiental e da sustentabilidade, temas cada vez mais aceites como motivo de escolha dos turistas europeus;

segundo, a de que, por sermos um destino de proximidade, o transporte aéreo que em cada dia que passa está mais caro como sabemos, é mais barato para os Açores do que destinos mais longínquos.

Esta é a análise que nos leva a acreditar que o ano de 2023, caso não falhemos no trabalho que temos de fazer, porque nada acontece sem trabalho e al-

gum investimento, poderá vir a estar, pelo menos em linha com este ano que se aproxima do fim.

Enquanto presidente das Casas Açorianas tem defendido a necessidade de repensar o turismo. Em concreto, que caminhos defende para o turismo nos Açores?

Sim, tenho defendido que temos de repensar o turismo, e essa afirmação tem muito a ver com a velocidade a que a atividade económica do turismo tem crescido em todo o mundo, e com a constante adaptação que o setor faz para oferecer o produto que o turista, cada vez mais informado, procura.

Os Açores, como já disse atrás, têm definidas as linhas gerais do seu crescimento e desenvolvimento turístico, mas nunca é demais ir monitorizando e alterando o que for necessário face a novas realidades, quer a montante como é o caso da oferta, com a introdução de novos produtos turísticos, quer a jusante no que toca a olharmos para a promoção turística ou para novos mercados.

Que papel pode ter a ATA, agora designada por VisitAçores e agora sob a presidência do governo regional, no desenvolvimento e promoção do turismo?

Estávamos numa situação em relação ao organismo responsável pela promoção turística dos Açores (ATA) que era insustentável, dado que já há muito tempo esta entidade estava “ferida de morte” com as consequências graves que, a manter-se a situação, poderia trazer ao turismo açoriano.

A VisitAçores, que agora surge com o envolvimento do Governo Regional, é essencial para a promoção turística entrar no bom caminho, e nós como parte interessada no bom desempenho turístico da região, estamos a contar com isso.

Tenho vindo a afirmar que a promoção turística nunca é de mais, e isso custa muito dinheiro, embora tenha que ser visto como um investimento. Por isso, deverá existir um plano rigoroso, a pelo menos três anos, mas sendo o ideal cinco anos, que defina, entre outras coisas, os mercados a “atacar”, ou as regiões ou cidades no caso de países de grande dimensão como por exemplo os EUA. E como já abordei, o mercado nacional deverá também constar da lista prioritária.

Na sua opinião faz sentido o regresso do governo à ATA/VisitAçores?

Faz todo o sentido. Com a sua participação na VisitAçores, o Governo assume a sua responsabilidade, em parceria com o setor privado, para que haja mais e melhor promoção dos Açores. Diria mesmo que o Governo e as empresas que dependem diretamente do executivo, como é o caso da SATA, nunca deveriam ter saído da (agora extinta) ATA, se tal não tivesse acontecido porventura não teríamos passado este período menos claro sobre os caminhos da nossa promoção turística. ♦

Para que o transporte marítimo entre as ilhas faça sentido para o turismo, é necessário que as rotas, épocas do ano e horários sejam definidos com antecedência

Existe um crescimento (turístico), sim, mas se a comparação dos números deste ano for feita, como deverá ser, com o ano de 2019, a leitura dos números não condiz com a palavra ‘boom’

que este transporte possibilitasse que os operadores turísticos, as agências de viagens e até os próprios turistas, pudessem elaborar programas e marcar as viagens sem margem para erros.

Que desafios se colocam ao setor, sobretudo depois deste “boom” em 2022?

Os Açores têm claramente definidas as linhas gerais do seu desenvolvimento turístico, que na sua base é pra-

ticamente consensual. Com exceção dos anos da pandemia, o turismo tem crescido para os Açores de uma forma cadenciada e o “boom” de que fala na pergunta não aconteceu. Existe um crescimento, sim, mas se a comparação dos números deste ano for feita, como deverá ser, com o ano de 2019, a leitura dos números não condiz com a palavra “boom”.

Há quem diga que os números deste ano não se irão repetir num futuro próximo e que 2023 será um ano difícil para o setor. Partilha desta visão menos otimista?

Na Casas Açorianas - Associação de Turismo em Espaço Rural, o pessimismo é uma palavra que rejeitamos, por isso numa altura em que faltam ainda três meses para acabar o ano de 2022, posso adiantar que estamos a monitorizar o que vai acontecer nestes meses de inverno, mas posso dizer que estamos moderadamente otimistas em relação a 2023.

Sabemos que a economia nos nossos principais mercados emissores, nomeadamente o mercado nacional, não está bem, a inflação, os preços dos combustíveis e o aumento das taxas de juros, a que se soma o facto das pessoas terem gasto este ano as poupanças acumuladas nos dois anos da pandemia em que estavam praticamente impedidas de viajar, pode fazer parte do “copo meio va-